

Mini-histórias de uma Educação Infantil desemparedada

A questão ambiental pelos olhares das crianças



Contada por uma professora e crianças durante a pandemia



Mini-histórias de uma Educação Infantil desemparedada

Contada por uma professora e crianças durante a pandemia

Este é o Produto Educacional oriundo de uma dissertação de mestrado do Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências (PROPEC) do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)



Daiane Antonio dos Santos Souza
Mestranda

Alexandre Maia do Bomfim
Orientador



Nilópolis
2024





Por que Mini-histórias e não grandes?

O objetivo deste portfólio digital é mediar um encontro entre a Educação Ambiental Crítica e Educação Infantil, instrumentalizadas através de narrativas construídas das e com as crianças sobre as vivências escolares durante a pandemia da Covid-19. A questão ambiental e o cotidiano desemparedado propiciam a captura de imagens e provocam discussões no campo da primeira infância para educadoras e educadores perceberem iniciativas, aprendizagens para uma Educação Ambiental Crítica vivencial na Pré-escola.

CIP - Catalogação na Publicação

S729m Souza, Daiane Antonio dos Santos.

Mini-histórias de uma educação infantil desemparedada : a questão ambiental pelos olhares das crianças : contada por uma professora e crianças durante a pandemia / Daiane Antonio dos Santos Souza, Alexandre Maia do Bomfim. – Nilópolis, 2024.

56 f. : il.

Produto Educacional oriundo da Dissertação – Educação infantil e a questão ambiental : uma pesquisa com mini-histórias numa escola municipal carioca (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Campus Nilópolis, 2024.

1. Educação infantil. 2. Educação ambiental. 3. Histórias infantojuvenis. 4. Crianças - Linguagem. I Bomfim, Alexandre Maia do. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. III. Título.

Bibliotecária: Josiane B. Pacheco CRB-7/4615



Desemparedar para uma Educação Ambiental Crítica

Ao sair dos ambientes fechados da sala e interagir com espaços naturais e urbanos variados, as crianças experimentam e aprendem em contextos variados e reais. Essas experiências favorecem a curiosidade e a autonomia dos pequenos. O Desemparedamento na Educação Infantil contribui para a formação de uma mentalidade crítica em relação às práticas e impactos ambientais, por buscar transpor a lógica capitalista que prioriza a eficiência, a padronização e a mercantilização do conhecimento e da educação. Essas práticas e promovem uma educação mais conectada com a realidade e as necessidades reais das crianças e da sociedade.



A pandemia

A questão ambiental se intensifica com a presença da circulação do vírus SARS-COV, provocando desde 2020 no Brasil a pandemia da Covid 19 , que gerou mudanças para além das epidemiológicas, no âmbito social, político, econômico e na educação não foi diferente. Indicado como o grupo de menor risco de contrair o vírus e contaminar outras pessoas, as crianças de 4 a 7 anos são as primeiras a retornarem em março de 2021. Nesse sentido, as Mini-histórias que construímos neste portfólio têm como pano de fundo os desafios da escola durante a pandemia.



Etapas das Mini-histórias



Diário de uma leitora

POR LÍRIO



Lírio se propõe a ler a história “Os direitos do pequeno leitor de Patrícia Auerbach e ilustrada por Odilon Moares. O interesse era tanto que preferiu iniciar a leitura em pé mesmo.



A narrativa sobre as diferentes posturas de leitura a envolve, o pé entorta com sinal que ainda há alguma dúvida sobre o que a narrativa a convida experimentar.



Lírio resolve se apoiar na árvore que convivemos diariamente. Com a concentração de quem estava compreendendo e também experienciando o que a narrativa do livro nos convida a fazer.

Diário de uma leitora

POR LÍRIO



Logo propõe que a pegue no colo e faça o mesmo que a ilustração da página do livro. “Eu quero ver a história de cabeça para baixo



Fonte: Auerbach e Moraes,
2017



Construindo uma panela

POR AMORA



Amora recebe argila em formato de uma bola e ao amassar, pensa sobre o que poderia construir com esse material que manuseia pela primeira vez.



“É muito macio e parece lama às vezes. Você pode me passar a água?” Amora paralisa o olhar realmente concentrada no que deseja construir. “Eu quero fazer uma coisa para eu brincar, mas primeiro quero amassar bem a terra.”



“ Já sei, uma panela! Vou fazer uma panela de verdade e depois que secar vou por água para esquentar no sol. ”



Construindo uma panela

POR AMORA



Amora vira de lado o novo utensílio e prepara o fundo, concentrada ao manusear a argila “ Preciso adicionar uma coisa pra segurar, vou fazer igual uma cobra”



Finalizando a construção da panela, Amora demonstra satisfação em concluir como pensou e finaliza deixando a superfície lisa. “Pronto! já consegui colar a alça eu vou poder segurar a panela, mas preciso deixar secar, não é?”



Floresta do Curupira

POR LEOA



Leoa escuta a história da lenda do Curupira na roda de leitura embaixo da amendoeira "Eu queria que o Curupira protegesse a cachoeira e a floresta perto daqui"



Depois planeja com quais materiais irá fazer o desenho e confeccionar uma floresta. " Como escreve Curupira?"



Prefere trabalhar em pé e fica sentindo a sombra da franja e pensando por um tempo sobre o que planejou que teria na floresta, segurando um pincel fino.

Floresta do Curupira

POR LEOA



Ao notar que está sendo fotografada, olha pela brecha da franja e fala "Eu tô pensando onde eu posso fazer uma cachoeira, fiz uma árvore para pegar frutas para comer e um coelho para fazer companhia ao Curupira"



Desenho finalizado

O doce mais doce

POR GAIVOTA



Após ouvirmos a parlenda “O doce mais doce”, Gaivota pede para manusear a batata doce que em outro momento colocamos na água para observar. “Já tem folha crescendo e elas vão ficar grandonas.”



Com gesto gentil de cuidado e concentração, Gaivota delicadamente coloca água na batata doce e percebe que a raiz está maior que da outra vez. “Essa parte cresceu muito e vamos ter que colocar na terra logo”



“ A batata vai crescer mais no chão que na água, mas aqui cresce também, mas não fica tão grande.” Gaivota termina de colocar a batata e é observado por Camaleão que durante a ação já demonstrava interesse em sobretudo experimentar ao colhermos a batata.

Fábrica de lama

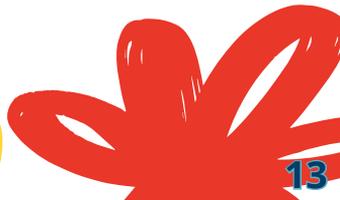
POR ÍRIS



Durante uma atividade de escrita com giz de diferentes cores, Íris possui a ideia de misturá-las, mas não há mudança de cor à medida que se pinta com material. Então, ela resolve testar utilizando água.



“Íris convida a observar a mudança: “Olha como ficou! Misturamos tudo e fabricamos lama.” O grupo de crianças continua testando com as mãos, espalhando e experienciando o processo...”



Fábrica de lama

POR ÍRIS



A lama gera o impulso criativo em iniciar a experiência com os pés e logo retiram seus tênis. outras crianças se aproximam para fazer o mesmo, até que Íris questiona às outras crianças “Isso é sujeira? Lama é sujeira?”



Casulo

POR JOANINHA



Joaninha ao brincar pelo quintal da escola, encontra algo no canteiro “Olha, tem um bicho aqui, parece uma minhoca, mas branca?”



Lírio pára próximo ao local para observá-la e a corrige dizendo “É uma vespa, não é?” Joaninha ainda não concorda com a afirmação de Lírio e busca entender com outra criança sobre qual inseto estão vendo.



Jataí chega dizendo: “É uma lagarta que vira borboleta! Uma vez tinha uma dessa na minha casa. Ela ficou parada nessa coisa e um dia ela voou na minha janela. Será que vai acontecer a mesma coisa?”



Casulo

POR JOANINHA



Joaninha foi nos dias seguintes visitar o casulo e observar se algo havia mudado



Ao longo dos dias, as crianças foram visitar e especular se naturalmente o casulo tinha rompido



Até que um dia observou que ele estava rompido e pediu à professora que registrasse também esse momento.



BOLT - todos têm um nome

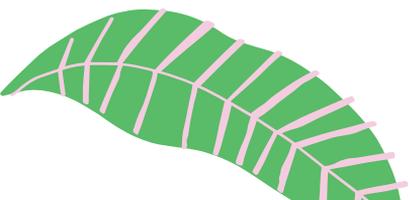
POR CRIANÇAS



Bolt é um cãozinho militar e encontrou no grupo de crianças acolhimento e carinho.



“Ele é a coisa mais fofa, eu tinha medo de cachorro, mas o Bolt é muito legal”. Sálvia



BOLT - todos têm um nome

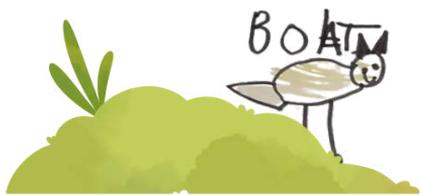
POR CRIANÇAS



Esse encontro especial motivou às crianças a fazer desenhos e expressar em meio ao espaço denominado por elas de acampamento. Sálvia convida outras crianças :“ Eu quero desenhar o Bolt porque eu amo os animais e queria levar ele pra minha casa, vamos?”



No gramado, sob a esteira de acampados, Sálvia escreve e desenha o cãozinho: “Eu quero fazer o Bolt amarelo porque é a cor que ele tem. Vou também escrever o nome dele para todo mundo saber que ele tem um nome, como eu tenho, né?”



Desenho finalizado

GRAMATO

POR CRIANÇAS



Com o capim cortado por onde acampamos constantemente, algumas crianças perceberam e comentaram “acabaram com a floresta.. eu gostava de me esconder no mato no pique-esconde”,



“Podemos aproveitar então para fazer um acampamento!”

GRAMATO

POR CRIANÇAS



“Violeta iniciou com as ideias possíveis para uso do capim “Acho que podemos fazer uma cama da cabana ao invés do telhado”.



Formou-se um trabalho coletivo, onde algumas crianças buscavam as gramas e outras forravam o chão.



Acampamento montado.

BANANEIRA

POR SAÚVA E LIBÉLULA



Saúva e Libélula resolveram explorar a escola com binóculo construído por elas com rolos de papelão.



“Vamos lá lá atrás, Saúva? Ali tem uma floresta grande e de repente encontramos algum bichinho para ver com nosso binóculo.”

BANANEIRA

POR SAÚVA E LIBÉLULA



Assim que chegaram, foram em direção à uma bananeira gigante: “ Nossa, tem um monte de banana. Podemos comer?”. Com um bambu,, retiramos algumas bananas para comer.



“Saúva queria comer e levar para a mãe experimentar. “Essa banana natural é muito gostosa, porque a que compramos não é natural assim, né?”

PÉS

POR BEM TE VI, JOANINHA E JABUTI



Com repolho roxo e urucum, as crianças fizeram receitas de tintas naturais. Bem te vi auxilia, recortando as verduras.



Após a receita de tintas naturais, Joaquina e Jabuti sugerem pintar seus pés.. Jabuti percebe que este movimento a faz ter cócegas e e sorri: “Isso parece que você está fazendo cosquinha em mim”.



Bem te vi pede para pintar o pé da professora: “Eu quero pintar o seu pé porque é grande. Eu não quero pintar o meu porque não gosto de sentir cócegas”

PÉS

POR BEM TE VI, JOANINHA E JABUTI



Joaquina diz que precisa lavar os pés: “A água está ficando da cor da tinta e assim vai pintar o chão todo de várias cores , mas quando misturar deve ficar preta”.



“Essa tinta natural sai mais fácil que a outra, mas o cheiro ficou estranho. Acho que prefiro pintar no papel.”
Jabuti termina de limpar os pés e fecha a torneira.

AROEIRA- PIMENTA ROSA

POR LIBÉLULA



Libélula pega do chão os frutos da árvore presente no pátio da escola “Na minha rua tinha essa árvore, eu gostava de comer essas frutinhas, mas cortaram e não tem mais nada. Minha mãe disse que posso comer essas frutinhas, mas é pimenta, eu acho que não arde não.”



Libélula tenta sentir o cheiro através da máscara para conferir. se realmente são as frutinhas que tinha na sua rua: “ Acho que vou levar para casa e mostrar se é essa mesma. Depois eu posso plantá-la para ver se nasce outra árvore. Vou colocar uma placa “ Não corte a árvore nunca mais”.



Libélula decide então fazer um desenho como projeto de uma placa quando a árvore crescer após o plantio da semente que levou.



PINTURA D'ÁGUA

POR CRIANÇAS



O grupo de crianças deseja explorar com pinturas na área externa, mas a tinta natural havia acabado e não havia outro material na escola.



Leoa propõe uma ideia “ Água! Podemos usar o pincel e pintar com água que tem ali na bica “ As outras crianças pegam cada um um pincel e molham em um copo.



O início da experiência acontece no chão do pátio e logo percebem que facilmente a água oferece a forma que desejam.

PINTURA D'ÁGUA

POR CRIANÇAS



As crianças se unem a fim de pintar com água no pátio. Algumas sozinhas, outras em duplas e outras em grupos pequenos



Leoa experimenta também utilizar a “tinta transparente” no rosto da Hortênsia e percebe que na superfície do chão o efeito é mais visível.



Jabuti diz que prefere testar no chão do pátio e busca desenhar pessoas: “ Eu quero desenhar meus amigos da turma, mas o ruim é que se eu errar, como apago?”

PINTURA D'ÁGUA

POR CRIANÇAS



Oliveira que brinca perto diz: "Você precisa esperar secar, Jabuti, porque é no chão seco que o desenho molhado aparece".

BOLO COM ELEMENTOS DO QUINTAL

CRIANÇAS



As crianças querem brincar no campo, mas percebem que alguns lugares a grama cresceu demais e dizem que gostariam de cortar.



Então, eles pegam uma tesoura e começam a cortar a fim de diminuir a altura da grama. João de Barro diz: "Podemos levar os pedaços de grama para outro lugar para plantar. Correr na grama é bem legal porque não machuca quando caímos."



BOLO COM ELEMENTOS DO QUINTAL

CRIANÇAS



Leoa prefere puxar com as mãos e leva em direção a outro grupo de crianças que prefere colocar numa vasilha ao invés de replantar os recortes da grama.



Amora adiciona também folhas secas e galhos: “Nós estamos fazendo um bolo com ingredientes da natureza, né?”



“Para mexer é melhor colocar água. Brincamos se sopa e depois fazemos um bolo congelado”.



BOLO COM ELEMENTOS DO QUINTAL

CRIANÇAS



Após sugerir os próximos passos, Iris chama Sálvia e demonstra a confecção do bolo que vão adicionar água e congelar.



Após alguns dias, ao segurar o bolo finalizado e congelado, Leoa faz uma observação: “ Acho que esse bolo está mais pesado do que antes de congelar.”



TERRA PRETA

POR CRIANÇAS



Ao caminharmos pelo quintal da escola, o grupo de crianças percebeu que havia terra disponível de uma cor mais escura e textura diferente que percebiam em outros lugares. Lírio sugeriu: “Podíamos pegar um pouco e levar para outro lugar já que não deixam brincar aqui”.



Indo para o campo para explorar a terra preta e falarmos sobre as diferenças dessas tonalidades que encontramos por aí deste elemento, as crianças despejaram em uma toalha no gramado e iniciaram a brincadeira e criação por conta própria.



TERRA PRETA

POR CRIANÇAS



Um grupo menor resolveu se encaminhar para o trabalho fora da toalha e utilizar água.



Ao adicionar água, perceberam que a textura mudava. Joaquina comenta: “ Parece uma argila porque fica mole. Realiza uma pergunta retórica: “ Essa terra é preta porque está suja?”



Bem te vi cheira e comenta: “Ela tem cheiro de terra quando chove, é um cheiro bom e assim podemos fazer bolo, purê, pudim e bombom de chocolate.”

ACAMPAMENTO POR CRIANÇAS



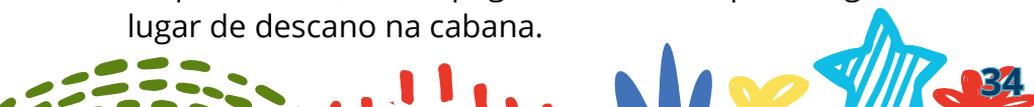
O grupo de crianças durante o planejamento diário que conectamos corpo e mente para pensar sobre o que queremos viver durante o dia, propõe a grande acampamento para celebrar a abertura do campo (outrora fechado pela gestão da escola sem algum motivo)



“Podemos começar esticando esteira”, comenta Libélula, segurando um barbante, enquanto um grupo de crianças apoia o objeto de palha.



Enquanto isso, Leoa pega colchonetes para organizar o lugar de descanso na cabana.



ACAMPAMENTO POR CRIANÇAS



Amora e Íris auxiliam Libélula com barbante, enquanto Sagui fica sozinho apoiando a estrutura e o restante das crianças buscam já experimentar a cobertura.



Um grupo de crianças se propõe a ficar sentado conversando e preferem tirar o tênis para relaxar na cabana.



“vamos tirar o tênis para poder deitar e relaxar melhor. Pegamos livros para ler aqui na cabana.” Beija flor comenta, já deitado junto aos livros.

ACAMPAMENTO POR CRIANÇAS



“Podemos tirar a máscara, não é Hortênsia? Comenta Girassol ao ver Lírio estendendo no barbante. O momento que ocorre essa vivência, representa um período da pandemia, no qual o protocolo sanitário permite a não utilização da máscara de proteção em ambientes ao ar livre.



As crianças começam a tirar suas máscaras e a estender: Girassol expressa o que sente sobre essa circunstância: “ É bom respirar na escola assim.”



Suporte de máscaras.

BRINQUEDOS NO QUINTAL

POR CRIANÇAS



A proposta para este dia era brincar com qualquer outro material sem ser plástico. Então, um grupo de crianças começa a investigação pelo canteiro que beira a sala. Libélula fica refletindo sobre um outro lugar que gostaria de ir. “ Eu sei que perto da árvore lá na frente tem um monte de frutos”



Sabiá correu depois que ouviu que Libélula falou e foi buscar as tais frutinhas para compor o acervo de brinquedos naturais. “Acho que essa quantidade já está ótima.



Violenta comenta a necessidade de colocar em um espaço maior: “Peguei essa caixa porque podemos pegar mais elementos.”

BRINQUEDOS NO QUINTAL

POR CRIANÇAS



Sabiá correu depois que ouviu que Libélula falou e foi buscar as tais frutinhas para compor o acervo de brinquedos naturais. “Acho que essa quantidade já está ótima.



Sálvia possui uma ideia de unir os elementos coletados e investigar como são de fato através de uma lupa de aumento.



Sálvia comenta o que está vendo: “ Quando vejo de perto é que consigo perceber a cor das coisas. Essa frutinha não é preta, é marrom ou vermelha?

A NOSSA TERRA

POR CRIANÇAS



O grupo de crianças havia sido impedido diante da regra da gestão da escola de manusear a terra por considerarem a terra da escola como lugar de “sujeira”. Então juntos, pensamos na melhor estratégia para continuar criando com a terra. Violeta disse “ Podemos trazer nossa terra então para brincar”.



Ao buscarmos a terra ideal, experimentamos trazer areia lavada para substituir a terra do quintal da escola e também identificarmos quais as diferenças de texturas e fenômenos e assim substituímos o manuseio. Gaiota prefere utilizar as mãos para sentir a nova textura “Essa terra corre mais que a daqui da escola e não suja a mão de preto.”



Saúva lembra a respeito da necessidade de um utensílio para conseguir pegar a areia e passa um tempo pensando como irá brincar, até que pega outro pote e começa a jogar de um lado para outro



A NOSSA TERRA

POR CRIANÇAS



Violeta tem a mesma ideia, mas prefere usar um tubo de papelão para testar a areia e fala um pouco da sua relação com este material: “Essa areia é igual a que brinquei um dia na praia. Pena que não vou mais à praia porque tem Covid”



Beija flor demonstra à Mariposa como a areia atravessa a peneira que está na mão e busca por um recipiente que impeça que a areia caia para fora dele, mas não consegue: “ Eu não consigo usar direito, mas podemos brincar de passar para um lado e pro outro”.



Mariposa prefere juntar com as próprias mãos os grãos de areia e comenta: “Essa areia parece a da praia, mas lá ela molha com mar e aqui não tem mar, só tem torneira com água. Será que tem areia na cachoeira do Barata?”



DIA DA CHUVA

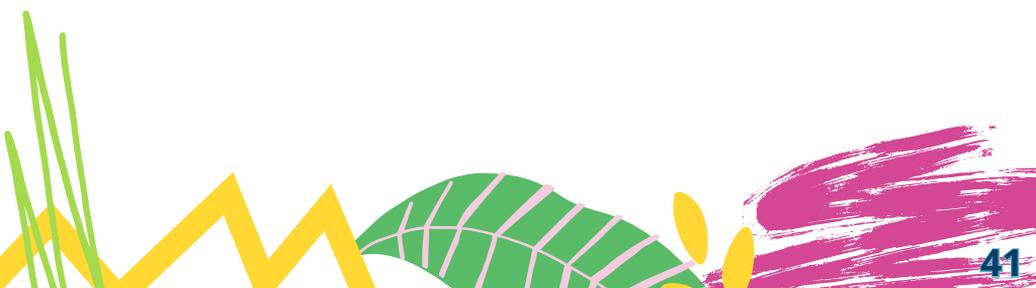
POR AMORA, SABIÁ E JOANINHA



Sabiá testa escrever no chão, mas começa a chover próximo ao corredor e por isso decide não ficar mais no local.



Enquanto o chão fica molhado, Amora decide testar a nova superfície com o giz: "A cor fica muito escura na água."



DIA DA CHUVA

POR AMORA, SABIÁ E JOANINHA



“Vou desenhar o sol nessa parte seca. Minha avó disse que para parar de chover, precisamos desenhar um sol.”



Enquanto algumas crianças desenhavam no chão, Joaquina prefere testar o giz com ralador de metal. “Eu quero saber se quando colocamos o pó do giz na água ele fica escuro, igual quando desenhamos no chão molhado.”

PRA PEGAR SACI

POR CRIANÇAS



O grupo de crianças apresenta muitas curiosidades em relação à mitologia do folclore brasileiro e a relação dos seres com a floresta, rios e mares. Ao ler a história, cada criança propõe uma estratégia para ter um saci por perto na proteção da escola.



“Pensamos em colocar o desenho do Saci em uma garrafa de suco que não tem cor. Assim, conseguimos ver como ele fica e também com ele afastamos as pessoas que querem destruir o bosque.” Jabuti demonstra os itens que propôs”.



O desenho do Saci Pererê



PRA PEGAR SACI POR CRIANÇAS



A garrafa plástica.



Gaiyota e Lírio demonstram seus desenhos e as garrafas ainda vazias. “Será que vai caber aqui dentro?”



Gaiyota busca encaixar o Saci dentro da garrafa e franze o rosto devido à tentativa de encaixar, sem que amasse o seu desenho.



PRA PEGAR SACI

POR CRIANÇAS



Sálvia demonstra seu Saci engarrafado.



Gaivota chama as outras crianças, demonstrando a árvore do quintal da escola para deixar o protetor da natureza.



TINTA DE SOLO

POR JABUTI E JOANINHA



A partir da brincadeira de comidinha, propusemos utilizar esse material para fazer desenhos.



Conversamos sobre a necessidade de adicionar outro elemento para fixar a terra como instrumento de pintura. Então, adicionamos cola branca, juntamente com o solo e um pouco de água.

TINTA DE SOLO

POR JABUTI E JOANINHA



Joaninha mexe e sente a textura: “Está parecendo a tinta que usamos mesmo, mas é um pouco mais grossa. Parece um *slime* da natureza. Vou fazer o meu desenho com ela.”



Jabuti testa a tinta de solo e sente algo novo: “Eu achei muito gostosa, será que adicionando água, ela não fique mais fininha?” E Continua a realizar o desenho do seu autorretrato.

VARINHA MÁGICA

POR CRIANÇAS



Ouvimos a música Duelo de Mágicos do grupo Palavra Cantada pelo corredor. A música propõe que a cada movimento de uma varinha mágica, viremos um animal diferente. Azaléa propõe: “Podíamos ter uma varinha mágica para usar aqui.”



Um grupo de crianças começa a procurar pelo quintal da escola possibilidades para confecção de varinhas e pegam alguns gravetos.



Um grupo de crianças se organiza em colchonetes, utilizando um forro para decorar suas varinhas. “Nós decidimos que vamos pintar de azul para combinar com céu”, comenta Gérbera concentrada em criar no ateliê.

VARINHA MÁGICA

POR CRIANÇAS



Azaléa prefere ficar no ateliê embaixo da árvore e colorir sua varinha com a cor amarela inicialmente e depois utiliza outras cores.



Varinhas mágicas prontas.

VESTÍGIOS

POR CRIANÇAS

Amora e Azaléa brincam com folhas e galhos que estão caindo da Amendoeira da escola. Azaléa comenta sobre o enfeite que colocou na cabeça: “Olha, que linda essa folha no cabelo, parece aquilo que vemos os índios usarem na floresta. Amora complementa: Mas eles usam com penas, as penas vêm dos animais e as folhas da árvore, das plantas”



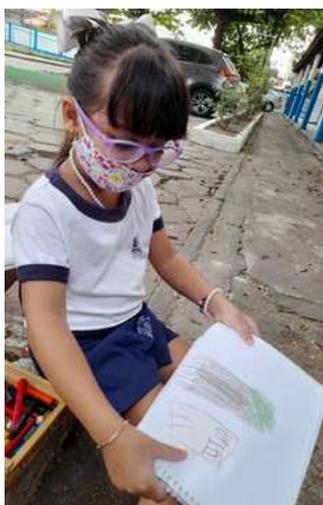
Lírio caminha com dois amigos em direção ao fim do terreno da escola, um local que as crianças denominam de bosque, pois tem árvores e folhas pelo chão. Ao retornar, percebe que sua blusa está cheia de carrapichos e em meio à angústia e dúvida, questiona: “ Se isso vem de uma plantinha, Por quê tem o nome de Carrabicho?”

INVESTIGADORES

POR CRIANÇAS



Joaquina e Leoa ao chegarem na escola, observam de longe algo se mexendo próximo à piastra da sala da turma. Leoa identifica o inseto: “É uma borboleta amarela e laranja! Podemos capturar para ver de perto e depois soltar?”



“ Já sei, vou desenhar um mapa de onde a capturamos para depois devolvermos para o mesmo lugar.” Sálvia inicia o desenho, enquanto algumas crianças buscam o pote para capturar e ver de perto a borboleta. Conversamos sobre a necessidade de furar o pote para entrada de ar.



Hortênsia lembrou da lupa que utilizamos para investigações pelo quintal e a buscou: “Agora eu vou ver melhor porque o rosto dela que é tão pequeno ficará maior com a lupa. Nossa, ela tem olhos! Eu não sabia, achei que borboleta só tinha antenas.”

INVESTIGADORES

POR CRIANÇAS



Enquanto o grupo parava para ver a borboleta, Beija flor andava pelo quintal da escola, buscando algo para compartilhar. Ao encontrar um besouro e sem saber o nome do inseto, comenta com outras crianças: “ Olha, uma formiga-barata!”. Beija flor queria nomear um besouro, mas não sabia como.



Íris propõe colocar o besouro em outro pote e dessa vez compreendê-lo melhor, utilizando uma lanterna. “Como estão usando a lupa, vamos usar a lanterna para ver as patinhas desse besouro.”

ESCULTORAS

POR JABUTI, LÍRIO E JOANINHA



Jabuti, Lírio e Joaquina gostariam de realizar uma escultura das suas próprias imagens. Pensamos na argila para testar se seria possível.



Utilizamos uma caixa de papelão para cada uma, uma placa de isopor reaproveitada e um pote com água. Joaquina comenta sobre a textura: “Achei mais legal e macio que a massinha. O bom é que usamos água também com essa terra.”



“Eu não sei como isso vai desgrudar daqui, eu queria tirar um pouco para modelar minha cabeça, o corpo e os braços. Acho que a água irá me ajudar a fazer a forma que quero. Minha mãe nunca deixou eu brincar com a terra assim, junto com água. É muito legal.”

ESCULTORAS

POR JABUTI, LÍRIO E JOANINHA

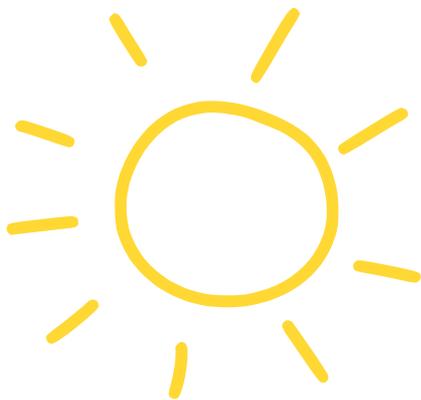


Jabuti é a primeira a terminar de modelar e coloca sua escultura em um papel para secar. “Eu não consegui fazer o meu cabelo, mas não tem problema porque estou mostrando só o formato do meu corpo.”



Lírio coloca sua escultura por último, com a esperança de ficar da forma que desejou. “Eu senti falta de fazer o cabelo. Podemos pensar da próxima vez de colocar galhos em cima da cabeça.”





“Poesia não é para compreender, mas para incorporar. Entender é parede: Procure ser árvore.”

Manoel de Barros

